

*A Morte de Petrônio na Narrativa Tacitiana**

CLAUDIOMAR R. GONÇALVES
Universidade Estadual de Londrina (Brasil)

RESUMO

Este artigo pretende analisar a construção narrativa elaborada por Tácito, nos *Annales*, objetivando o estudo detalhado de elementos que possibilitem a possível identificação do personagem tacitano, Petronio Arbiter Elegantiae, com o autor da obra conhecida como *Satyricon*.

Cornelius Tacitus teria sido pretor em 88 d.C., cônsul em 97 e procônsul da Ásia de 110 a 113. Sobre sua morte e seu nascimento pouco sabemos. Imagina-se que teria nascido em finais dos anos 50 e morrido por volta de 120 d.C. Seus escritos foram objeto de vanas discussões entre especialistas até chegar-se a certas conclusões e, finalmente, outorgar-lhe a autoria das seguintes obras: *Diálogo dos Oradores*, *Vida de Agrícola*, *Germânia* e os *Annales*.

Este breve estudo tem como perspectiva a análise de dois capítulos dos Anais de Tácito, especificamente o 18 e 19 de seu livro XVI. Nestes capítulos, Tácito narra o fun de Petrônio —*Arbiter Elegantiae*, cortesão de Nero— e as circunstâncias que o levaram ao suicídio. Nosso objetivo é

* Texto originalmente apresentado no XVI Simposio Nacional de Estudios Clásicos. «La Muerte en el Mundo Grecolatino». Buenos Aires Argentina, 26 a 29 de setembro de 2000. Esta versão procurou sistematizar todas as idéias que, pelo espaço destinado aos expositores, tomou impossível esclarecer textualmente algumas das questões trabalhadas.

retomar como tem sido feita a identificação deste personagem com o autor da obra conhecida como «Satyricon». Sobre esta identificação cabe, antes de mais nada, historicizar brevemente o modo como vem sendo tratada e quais têm sido seus fundamentos.

Parte dos estudos dedicados ao Satyricon trabalhain com a hipótese da impossibilidade de definição da autoria com aquele Petrônio Arbiter, narrado nos *Anais* de Tácito remetendo tal autoria a um período posterior (Martin, 1976: 203)¹. Existem até mesmo aqueles que acreditain que a obra seja anterior ao período neroniano (cf. Castorina, 1971)², porém, a grande maioria dos pesquisadores prefere a datação Tacitiana, baseando-se em vários aspectos intemos do Satyricon, passíveis de serem reconhecidos no contexto histórico de Nero: a atmosfera da época neroniana (Grimal, 1972: 308)³ composta por uma flutuação da moral e dos costumes e de diversos males na educação (Barnes, 1973: 797)⁴; outros porque talvez a obra refletisse como o Império estava nas mão de libertos orientais (Gaide, 1995: 863; Bayet, 1965: 349)⁵; pela corrupção (Cameron, 1970: 425)⁶; pelas

¹ Martin, R. «Quelques remarques concernant la date du Satiticon». *Revue des Études Latines*. LIII, 1976, pp. 182-224. «Resumons-nous: rien ne semble s' opposer sérieusement à une datation "flavienne" du roman ...». O autor aponta para a possibilidade da obra ter sido escrita sob Domiciano (p. 224).

² Castorina, E. «Petronio, Lucano e Virgílio». In: Bardon, H. & Verdière, R. *Vergilliana*. Leiden: J. Brill, 1971, pp. 97-112. Para a autora, a obra teía sido composta á época de Juvenal! Para épocas mais tardias veja-se refutação de Pierre Grimal sobre tese de Marmorale ern, Grimal, P. «La date du Satiricon». *Revue des Études Anciennes*. LIII, 1951, pp. 100-106.

³ Grimal, P. «Une intetion possible de Pétrone dans le "Satiricon"». *Bulletin de L'Association Guillaume Budé*. 3, 1972, p. 308. Muito embora o autor concorde que a pasagethn tacitiana seja «obscura»; Grimal, P. «Sur quelques noms propes de la Cena Trimalchionis». *Revue de Philologie*. XVI, 1942, p. 161.

⁴ Barnes, E. J. «Petronius, Philo and Stoic rethoric». *Latomus*. XXXII, 1973, pp. 787-798.

⁵ Gaide, F. «Instuitions linguistiques de Pétrone dans as mise en scène des affranchis de la "Cena"». *Latomus*. LIV, 4, 1995, pp. 856-863; Bayet, J. *Litterature Latine*. Paris: Armand Colin, 1965.

⁶ Cameron, A. M. «Myth and meaning in Petronius: Some modern Comparisons». *Latomus*. XXIX, 2, 1970, pp. 397-425. «It was the product (if we accept the Neronian dating, as we sumly must) of a period of corruption an over- sophistication». Sobre os aspectos orientais, veja-se Hadas, M. «Oriental elements in Petronius». *American Journal of Philology*, 1929, n. 200, v. 50, p. 378-385.

fomias descritas dos espetáculos contemporâneos à época de Nero (Panayotakis, 1994: 333)⁷ e de seus modos helenísticos (Veyne, 1964: 305)⁸; por existir um enorme número de personagens citados compatíveis com a época (Sullivan, 1968: 22-24)⁹ e, finalmente, aspectos materiais passíveis de serem identificados à época imperial (Magi, 1951; Zanker, 1990; Bagnani, 1954)¹⁰. Estes estudos destacam também a identificação do personagem em outras fontes do período, como Plínio e Plutarco¹¹, considerando alguns, entretanto, que o nome real do autor do *Satyricon* seria: Titus Petronius Niger¹².

⁷ Panayotakis, C. «Quartilla's histrionics in Petronius». *Mnemosyne*. XLII, 3, 1994, pp. 319-336. «... *spectaculum*... in the arena although attention has been drawn to the close similarities between this scene and contemporary events in Neronian Rome».

⁸ Veyne, P. «Le 'je' dans le *Satyricon*». *Revue des Études Latines*, XLII, pp. 301-324. Sobre a transferência do autor-narrador veja-se a advertência de Gareth Schmeling: «In any attempt we make to re-construct a bibliographical sketch of Petronius, we must always be alert not transfer descriptions of the narrator of the satyricon to the author of the novel. The narrator and narrative are fiction (p. 459); Schueling, G. «The *Satyricon* of Petronius» In: Schmeling, G. (ed.). *The Novel in Ancient World*. Leiden: J. Brill, 1996, pp. 457-490.

⁹ Sullivan, J. P. *The Satyricon of Petronius. A Literary Study*. London: Faber, 1968. (Apelles, Menecrates, Plocamus...)

¹⁰ Magi, F. «L'adventus di Trimalchione e il fregio A della Cancelleria». *Arch. Class.* 23, 1951, pp. 88-92. Zanker, P. *The power of images in the Age of Augustus*. Michigan: Michigan University Press, 1990. Bagnani, G. «The House of Trimalchio». *American Journal of Philology*. LXXV, 1, 1954, pp. 16-39.

¹¹ «T. Petronius consularis moriturus invidia Neronis, ut mensam eius exheredaret, trullam myrrhinan HSCCC emptam fregit...» - «O Cônsul T. Petrônio, a ponto de alcangar a morte, com o intuito de que não a tirassem por ordem de Nero, quebrou um vaso de flores que custou trezentos mil sestércios...» (Plínio. *H. N.* 37-20). «Και ταυτι μεν ελαττονα εστιν. εκεινα δ ηδη χαλεπα και λνμαινομενα τουζ ανοητουζ, οταν ειζ ταναντια παθη και ωσηματα κατηγορωσιν... η τουζ ασωτουζ αυ παλιν και πολυτελειζ ειζ μικρολογιαιν και πυταριαν ονειδιζωσιν, ωσπερ Νεπωνα Τιτοζ Πετρωνιζ...». - «Estas são faltas menores. Sendo assim, logo depois vem essa prática inescrupulosa que tem um efeito danoso sob gente estúpida e que consiste em acusá-los de tendências e debilidades completamente opostas às que realmente têm (...). Esta pode tomar a forma de ridicularização de costumes pessoais e extravagantes por suas mesquinhas e avarezas. Isto foi o que fez Tito Petrônio com Nero...». (Plutarco. *Mor.* 60 d-e).

¹² Rose, K. F. C. «The author of the *Satyricon*». *Latomus*. XX, 1961, pp. 821-825. Ver também concordância de análise em, Veyne, P. «Arbiter Elegantiae». *RPh.* II, 1963, pp. 258-259.

Além dos argumentos históricos, teríamos os de caráter lingüísticos; estilísticos (Martin, 1976: 175; Sullivan, 1968: 25-27; Dell'Era, 1970; Aquati, 1991)¹³ e literários (Campuzano, 1984)¹⁴ bem como os de caráter sócio-econômicos (Schnur, 1959; Duncan-Jones, 1982: 238-248)¹⁵ que poderiam ser aferidos no *Satyricon* e que nos revelaríam as possibilidades de tratar-se realmente do personagem descrito por Tácito. Complementando, restariam, ainda, as citações e comentários de autores antigos sobre a obra e o autor: Terentianus Maurus, Priscianus, Macrobius, Marius Mercator, Diomedes, Sidonius Appollinarus, São Jerônimo, Lactantius, etc.¹⁶ e, finalmente, as denominações dos manuscritos legados pelo período medieval, e que comporiam a chamada Tradição Textual: *Excerpta Petronii Satirici*, *Petronii Satirici Liber*, *Petronii Arbiter Satyri Fragmenta...* (Traur), entre tantos outros, os quais deram origem as primeiras edições do *Satyricon* de Petrônio Arbiter, com algumas discorclâncias entre seus editores sobre a real autoria¹⁷.

¹³ Dell'Era, A. *Problemi di Lingua e Stile in Petronio*. Roma: Edizione de Storia e Letteratura, 1970. Aquati, C. *Cena Trimalchionis. Estudo e Tradução*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, 1991.

¹⁴ Campuzano, L. *Las Ideas Literarias en el Satyricon*. Havana: Letras Cubanas, 1984. Sobre várias destas características veja-se também, Ciaffi, V. *Struttura del Satyricon*. Torino: Università di Torino, 1955; para discussões mais recentes ver, Hofmann, H. (ed.). *Latin Fiction. The Latin Novel in Context*. London: Routledge, 1999, principalmente capítulo 1. «Petronius».

¹⁵ Schnur, H. C. «The economic background of the Satyricon». *Latomus*. XVIII, 1959, p. 790-799; Duncan-Jones, R. «The uses of prices in the latin novel: Petronius». In: *The Economy of the Roman Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

¹⁶ Enqumto alguns escritores o conheceram por *Petronius* (Priscianus, *Instituta* 8.16; Boethius, *Comm. Primae edit. in Isogagen*, 2.32; Iohannes Lydus, *De Magistrabus* 1.41; Isid. *Orig.* 5.26-7) e outros somente como *Arbiter* (Macrobius, in: *Somnius Scipionis* 1.2.8., Marius Mercator, contra *Iulin.* 5.1; Mar. Victor., 3.17 e 4.1; Diomed., *grammatica* 3; Sidonius Apol. *Carm.* 23.156; São Jerônimo. *Ep. ad Demetriadem* CXXX, 19) existem aqueles que se referem a ele como *Petronius Arbiter* (Fulgent. *Mythol.* 2.6 e 3.8 - *Serm. Antiq.* 42, 52, 60, 61, Lactant. *In stat theb.* 3.661) e aqueles que, na mesma obra, ora se referem a *Petronius* (Terentius Maur. *de Metris* 2.852) «a *Arbiter* (idem, 2.489).

¹⁷ Assim consta nas seguintes edições: Escaligero (1571); M. Pattison, na edição de Pithon (1575); uma edição anônima do século XVI (1577); Dousa (1583); Van Wouwern (1595); Goldast (1610), Gonzáles de Salas (1629). Outras edições, entretanto, acabaram por negar sua identidade: Sambucus (Petrônio teria sido cônsul da época de Galieno); Bur-

Assim, podemos perceber que a crítica intema e externa ao «Satyricon», vem possibilitando inúmeras digressões sobre a autoria da obra e sua ligação com o personagem narrado por Tácito: o Petronius, Arbiter Elegantiae.

Pretendemos, agora, retomar a narrativa tacitiana e verificar os elementos essenciais que a ligam a perspectiva acima descrita. Muito embora não se queira reproduzir análises já estabelecidas pela vasta bibliografia que trata do tema, não há como não propor uma nova possibilidade de leitura de Tácito que, se não inédita, pode vir a permitir uma maior abertura na delimitação da autoria do Satyricon. Neste sentido, retomaremos, de início, a análise de A. D. Leeman¹⁸ que parece própria para o entendimento da ars *narrandi* tacitiana empregada para descrever o personagem Petrônio. Antes, porém, pretendemos apresentar uma versão do texto latino (geralmente aceita e vastamente citada), bem como uma tradução ao mesmo para, em seguida, voltarmos á análise objetiva das passagens:

CORNÉLII TACITI

«Annalium ab excessu diui Augusti Libri» - Annales XVI, 18-19¹⁹

XVIII.

«De <C> [T] Petronio pauca supra repetenda sunt.
Nam illi dies per sumnum, nox officiis et oblectamentis vitae transigebatur; utque alios industria, ita hunc ignauia ad farnain protulerat, habebaturque non ganeo

XVIII.

Sobre G. Petronio habrá que hacer un pequeño excurso histórico. Este personaje hacía transcurrir sus días en el sueño y sus noches en los deberes y placeres de la vida; y como otros los había encumbrado a la fama su actividad, así a éste su abandono. Se le tenía por crápula y depravado como

mann (entre Augusto e Tibério); Bourdelout (negou a identidade de Petrônio); Justus Lipsius (absteve-se de emitir parecer).

¹⁸ Leeman, A. D. «Tacite sur Petrone: Mort et Liberté». *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*. 3, VIII, 1972, pp. 421-434.

¹⁹ Edição latina utilizada: «Cornelli Taciti Annalium ab excessu diui Augusti libri», recognouit breuique adnotatione critica instruxit C. D. Fisher. Oxford: Oxford Classical Texts, 1963. A tradução é de M. Díaz. *Apud*. Campuzano, *op. cit.* pp. 254-256.

CORNÉLII TACITI

«Annalium ab excessu diui Augusti Libri» - Annales XVI, 18-19¹⁹

et profligator, ut plerique sua haurientium, sed erudito luxu. Ac dicta factaque eius quanto solutiora et quantum sui negligentiam praeferebant, tanto gratius in speciem simplicitatis accipiebantur. Proconsul tamen Bithyniae et mox consul vigentem se ac parem negotiis **ostendit**. Dein reuolutus ad uitia, seu uitiorum imitatione, inter paucos familiarium Neroni **adsumptus est**, elegantiae arbiter, dum nihil amoenum et molle adfluentia putat, nisi quod ei Petronius adprobauisset. **Vnde inuidia** Tigellini quasi aduersus aemulum et scientia uoluptatum potiore. Ergo credulitatem principis cui ceterae libidines cedebant, **adgreditur**, amicitiam Scaevini Petronio obiectans, corrupto ad indicium seruo ademptaque defensione et maiore parte familiae in uincla rapta.

a muchos de los que disipan sus bienes, sino por hombre de lujuria rebuscada. Y sus expresiones y sus acciones cuanto más imprevistas y mostrando un como descuido natural, tanto más eran acogidas como agrado como indicio de sencillez. Procénsul, sin embargo, en Bitinia y luego cónsul se reveló activo y la altura de sus obligaciones. Después, nuevamente entregado a los placeres o imitación de los placeres, fue admitido en el reducido número de los íntimos de Nerón como árbitro de todo refinamiento, hasta el punto de que éste nada estimaba placentero y grato, salvo aquello a que Petronio diera aprobación. De donde la envidia de Tigelino, que veía en él un rival y un hombre de más calidad en la ciencia de la crueldad del príncipe, a la que cedían las otras pasiones, achando Petronio amistad con Esceuino; un siervo había sido sobornado para esta delación, se le había quitado toda posibilidad de defensa y la mayor parte de la servidumbre había sido encarcelada de improviso.

XIX

Forte illis diebus Campaniam petiuerat Caesar et Cumas usque progressus Petronius illic attinebatur; nec tulit ultra timoris aut spei moras. Neque tamen

XIX.

Precisamente por aquellos días César había salido hacia la Campania; llegado a Cumas allí fue retenido Petronio. No se permitió éste demoras de temor o de esperanzas; tampoco se quitó la vida precipitadamente, sino

CORNÉLII TACITI

«Annalium ab excessu diui Augusti Libri» - Annales XVI, 18-19¹⁹

praeceps vitwn expulit, sed incisas
 venas, ut libitum,
 obligatas aperire rursum et adloqui
 amicos, non per
 seria aut quibus gloriam constantiae
 peteret. Audiebat referentis nihil de
 de immortalitate et sapientium
 placitis, sed Icuia carmina et facilis
 versus. Seruorum
 alios largitione, quosdam uerberibus
adfecit. **Iniit** epu-
 las, somno **indulsit**, ut quamquam
 coacta mors fortuitae
 similis esset. Ne codicillis quidem, quod
 plerique
 pereuntium, Neronem aut Tigelhnum aut
 quem alium
 potentiam **adulatus est**; sed flagitia
 principis sub nomi-
 nibus exoletorum feminarumque et
 novitatem cuiusque
 stupri **perscripsit** atque obsignata misit
 Neroni; **fregit** anutum ne mox usui esset
 ad facienda pericula.»

que, a su gusto, se abrió las venas, las
 suturó, las volvió a abrir; y conversaba
 com sus amigos no con discursos
 serios o que le consiguieran una gloria
 de imperturbabilidad. Y prestaba oídos
 a quienes le decían, no de la
 inmortalidad del alma y de las
 satisfacciones del sabio, sino poemas
 ligeros y versos fáciles. De sus siervos,
 a unos los colmó obsequios, a otros de
 castigos. Tomó parte en un banquete,
 dejó que lo ganase el sueño, para que
 la muerte, aunque forzada, semejase
 natural. Y no aduló con codicilos de
 última hora, como no pocos de los que
 morían, ni a Nerón, ni a Tigelino ni a
 ningún outro de los personajes bien
 situados sino describió por menudo las
 demasías del principe y los matices de
 cada una de sus locuras bajo los
 nombres de calaveras y mujerzuelas, y
 este escrito sellado lo envió a Nerón; y
 rompió su anillo a fin de que no se
 pudiera usar para causar daños.

Do ponto de vista verbal, podemos distinguir duas fases no capítulo 18: os três primeiros «parágrafos» são formados por imperfeitos descritivos (passivos): *transigebatur*; *habebatur*; *acciepiebantur*; antecedidos por *protuletat*, que causa o chamado efeito flash-back. Tal efeito descritivo, atemporal reforça a imprecisão do momento (cf. *supra*). A partir dos parágrafos seguintes o texto possui uma mudança interna: *ostendit*; *adsumptus est*; *unde invidia*; *adgreditur*, *procurando* construir perfeitos que remetam ao presente histórico.

Já no capítulo 19, os tempos são mais variados, muito embora possamos verificar a tendência interna da superação temporal criando um distancia-

mento entre *supra* por *illis diebus*. Temos novamente o apelo ao efeito flash-back, *petiverat*, acompanhado por um itnperfeito, *attinebatur*, seguidos por dois infinitivos de características descritivas, antes que narrativas, *aperire*; *adioqui*. Já na mesa com seus comensais seguem uina séne de perfeitos em voz ativa: *adfecit, iniit, indulsit, adulatus est; perscripsit, fregit*.

Desta forma, Leeman demonstra que, dentre os 4 homens que possuem sua «execução» decretada à época —Annaeus Mella, Cerialis Anicius, Rufrius Crispinus, T. Petronius²⁰— Petrônio Arbiter Elegantiae seria, de acordo com Tácito, o que mereceria ser lembrado por seu «exitus illustrium vivorum». O contraste com Mella seria fio condutor de sua narrativa, visto ter este denunciado outras pessoas em seu testamento (Cerialis Anicius, Rufrius Crispinus), além de ter exortado sua amizade com Tigelino e lhe legado parte de seus bens.

Sua *ars narrandi* aproximar-se-ia da narrativa salustiana na condenação da *ambilio* (Funari: 1994)²¹ no caso em questão²² e, de forma geral, caracterizada pela superabundância de infinitivos descritivos (Paratore, 1987: 731 *et passim*)²³. Alinhada a estas características, através da alternância verbal, Tácito constrói um jogo intemo caracterizado por três fases: uma elevação dramática; uma peripécia (atitude não passiva de Petrônio frente a morte), que prepara o leitor para o grande final: a morte do personagem marcado pela contradição: Dia/Noite; Luxo/Simplicidade; Ambição/Desprendimento; Morte Militar/Morte Filosófica; Morte Trágica/Morte Normal, ou seja, criando uma espécie de anti-morte que demonstraria que sua *ars vivendi* estava de acordo com sua *ars moriendi*.

Muito embora Leeman acredite que exista uma grande coerência entre a vida paradoxal de Petrônio e a obra que teria escrito —o *Satyricon*— também paradoxal, outras características podem ser levantadas sobre o texto: que Petrônio tivesse conseguido escrever uma obra de tamanha extensão (de seis a doze vezes maior que a atual) nas circunstâncias narra-

²⁰ XVII. «Paucos quippe intra dies eodom agmine Annaeus Mela, Cerialis Anicius, Rufrius Crispinus, se Petronius cecidere...».

²¹ Sobre a narrativa Salustiana veja-se; Funari, P. P. A. «Objectividad y Subjectividad en la Historiografía». *Biblos*. 6, 1994, pp. 69-78.

²² Leeman, *op. cit.*, p. 427.

²³ Paratore, E. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1987.

das, com as veias abertas, é algo pouco óbvio (Faversani, 1999: 18-19; Martins, 1947: 2576)²⁴. Outros elementos que corroborariam tal hipótese seria o trabalho e esmero que foi construída (Aquati, 1997: 130)²⁵, organizando a maior parte das passagens de cunho popular²⁶ em segmentos fortemente caracterizados (i.e. *Cena Trimalchionis*) (Cf. Aquati, 1991; Perrochat, 1961; Auerbach, 1987)²⁷. Além disto, devemos lembrar da ausência de qualquer menção de Tácito aos «dotes» literários de Petrônio: uín dos argumentos *exsilentio* utilizados por seus defensores como autor do *Satyricon* (Martin, 1976: 204) apelando, de forma geral, ao silogismo de uma projeção de uma certa polifonia e ambigüidade existente no interior da obra (*Satyricon*) (Callebat, 1974: 303)²⁸ com o paradoxal e ainbíguo personagem, Petrônio, de Tácito, criado pelo jogo entre *non* e *sed*, criando determinados locus que possuem uma «função sígnica», ou seja, criar intemamente ao discurso a *ambigüidade*:

²⁴ Faversam, F. *A pobreza no Satyricon, de Petrônio*. Ouro Preto: Ed. da UFOP, 1999; Martins, F. «A crise do maravilhoso na epopéia latina». *Hvmanitas*. I, 1947, pp. 25-76.

²⁵ Aquati, C. *O Grotresco no Satíricon*. São Paulo: Tese de Doutorado, FFLCH/USP 1997.

²⁶ Sobre a importância do vocabulário e do *sermo humilis* como um dos fatores de identidade cultural, veja-se: Funari, P. P. A. *La Cultura Popular en la Antigüedad Clásica*. Écija: Editorial Sol, 1991; Horsfall, N. *La Cultura della Plebs Romana*. Barcelona: PPU, 1996.

²⁷ Perrochat, P. «Mentalité et expression populaires dans la “Cena Trimalchionis”». *L'information Littéraire*, 1961, 2, pp. 62-69.; Auerbach, E. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

²⁸ Callebat, L. «Structures narratives et modes de représentation dans le *Satyricon* de Pétrone». *Revue des Études Latines*. LII, 1974, pp. 281-303.

NON	SED	
<i>habebaturque non ganeo el profligator, ut plerique sua haurientium...</i>	<i>erudictus luxus</i>	=ambigüidade
<i>utque alios industria</i>	<i>Ignauia</i> Enérgico em seus deveres	=ambigüidade
	recompensa escravos e castiga outros;	= justo
<i>nec tulit ultra timoris aut spei moras</i>		= Corajoso
<i>Ne codicillis quidem... pereuntium,... aut quem alium potentiam adulatus est,...</i>		= <i>incomum</i>
	<i>fregit anutum ne mox usui esset ad facienda pericula...</i>	= Anti-Mella
<i>nihil de immortalite et sapientium</i>		= Anti-Sêneca
<i>sed leuia cannina et facilis versus</i>		= Anti-Catulo

Henry Bardon, já havia ressaltado que o Petrônio de Tácito seria um «amigo» (íntimo) de Nero e que, ao contrário da afirmação feita nos Anais («... *flagitia principis sub nominibus exoleratum feminarumque et novitatem cuiusque stupri perscripsit...*»), o *Satyricon*, por sua complexidade, não teria uma característica panfletária (cf. Plutarco) e, por outro lado, muito menos uma tentativa vã de debate sobre teorias literárias, quem dirá com Nero! (Bardon, 1968: 245)²⁹. Além disto, mesmo tal personagem difere, por exemplo, daquele narrado por Plínio: capaz de quebrar um vaso caríssimo em um acesso de fúria!

²⁹ Bardon, H. *Les Empereurs et Les Letres Latines. D'Auguste a Hadrian*. Paris: Belles Lettres, 1968.

Se a impossibilidade de identificação entre estas duas figuras díspares tem sido ressaltada por diversos autores (Laurand, 1918: 608; Cahen, 1925: 60-61; Segura Ramos, 1976: 144; Gonçalves, 2000: 270-271)³⁰, o mesmo não se passa com outra grande parte dos estudos que, ao se apropriarem da narrativa Tacitiana como sustentáculo da autoria da obra, acabam por identificá-la a um certo Petrônio-Vingador descrito por Ettore Paratore (cf. Paratore, 1987: 648)³¹.

Assim, cabe observar que é impossível e inútil utilizar a hipótese Tacitiana para datação do *Satyricon*, sendo a melhor opção a ser adotada aquela que defina seu autor como um erudito de fato; o qual viveu sob a segunda parte do século I e inícios do II d.C.; que escreveu para um público que, infelizmente, desconhecemos e que, muito embora nossas tentativas de elaboração e análise sobre a autoria do *Satyricon* procurem ser bem fundamentadas, todas elas, como afirmou Alfred Emout: «... não passam jamais de fantasia e jogo de imaginação» pois, se não possuem um valor verificável, «não farão avançar uma única linha em nosso conhecimento», quer sobre a obra, quer sobre seu autor (Ernout, 1962: XIV)».

Finalmente, podemos concluir, minimamente, que grande parte dos autores que procuram a identificação de Petrônio *Arbiter Elegantiae*, com o possível autor do *Satyricon*, parecem incorrer em um processo denominado por Eni Puccinelli Orlandi de «perfidia da interpretação»:

«... é do conteudismo que resulta o que temos chamado de “perfidia da interpretação”, ou seja, o fato que consiste em considerar o conteúdo (suposto) das palavras e não —como deveria ser— o funcionamento do discurso na produção dos sentidos»³³.

Entretanto, tal processo não se trata apenas de um comodismo apriorístico determinado por uma certa tradição: parece haver, antes de mais

³⁰ Laurand, L. *Manuel des Études Grecques et Latines*. Paris: Picard, 1918.; Cahen, R. *Le Satyricon et ses Origines*. Paris: Payot, 1925; Segura Ramos, B. «El “tempo” narrativo de la “Cena Trimalchionis”» *Emerita*. XLIV, 1976, pp. 143-155. Gonçalves, C. R. «Ignorância dos Libertos e Mitologia na Cena Trimalchionis». *Gallaecia*. 19, 2000, pp. 269-286.

³¹ «vingança genial—».

³² Ernout, A. *Pétrone. Le Satyricon*. Paris: Belles Lettres, 1962.

³³ Orlandi, E. P. *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996, p. 64.

nada, uma desvinculação entre categorias de *pessoa, espaço e tempo* no interior dos enunciados³⁴ discursivos tacitianos. No caso em questão, parece existir, também, uma profunda aproximação —talvez o termo melhor definidor fosse «nivelamento»— entre a obra tacitiana e os historiadores posifivistas (aproximação já impregnada, de certos contomos pseudo-psicológicos) com a ausência da crítica entre uma tipologia que caracterize melhor os *Annales*, de Tácito, como um tipo determinado de literatura³⁵: «...a literatura é tão-somente uma *linguagem*, isto é, um sistema de signos: seu ser não está em sua mensagem, mas neste “sistema”»³⁶. Neste sentido podemos concordar com Umberto Eco: «... há casos em que temos o direito de contestar uma determinada interpretação»³⁷, caso contrário, sé nos restaria nos conformar com máxima Virgiliana: «*Una salus victis, nullam sperare salutem*»³⁸.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos seguintes colegas que contribuíram com a leitura deste trabalho e com as idéias aqui desenvolvidas, muito embora a responsabilidade pelas mesmas se limite ao autor: Aquati, Cláudio; Arias Neto, José Miguel; Favarsani, Fábio; Feitosa, Lourdes M. G. Conde; Funari, Pedro Paulo Abreu; Garraffoni, Renata Senna; Grammatico, Giuseppe; Guarinello, Norberto Luiz; Ottini, Maximiliano; Paes de Almeida, Jozimar; Panayotakis, Costas; Rebello Cardoso JR, Hélio; Ribeiro Gonçalves, Josiane Regina; Silva Glaydson José e Schmeling, Gareth.

³⁴ Sobre estes aspectos, consultar Fiorin, José Luiz. *As Astúcias da Enunciação. As categorias de Pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

³⁵ Muito embora já se tenha escrito, e muito, sobre esta diferenciação. Como exemplos, vejarn-se Veyne, P. *Acreditavam os Gregos em seus Mitos?* Lisboa: Edições 70, 1987; e Funari, Pedro Paulo Abreu. *Antigüidade Clássica. A História a Cultura a partir dos Documentos*. Campinas/SP: Ed. da Unicamp, 1995 (entre outros!).

³⁶ Barthes, Roland. *Crítica e Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 162.

³⁷ Eco, U. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 177.

³⁸ «A única salvação para os vencidos é não esperar nenhuma salvação» (Eneida, II, 354).